

RESUMO - SIMPÓSIO 2: LITERATURA DE AUTORIA DE MULHERES

“A BOCA É MINHA, QUEM COME SOU EU”: MEL ADÚN, A POESIA E O RISO

Mariana Andrade Gomes (gomes.marianaandrade@gmail.com)

Proponho neste texto a reflexão de como a poesia de Mel Adún denuncia o absurdo do racismo, ridicularizando comicamente as proposições teóricas e ideias do senso comum que subalternizam e inferiorizam as pessoas negras, suas subjetividades, identidades e sociabilidades. Para tanto, recorro às provocações de duas intelectuais negras brasileiras: Dra. Conceição Evaristo e Dra. Tatiana Nascimento. Enquanto a primeira defende que a “literatura é o lugar para expurgar a dor do racismo”, a segunda propõe o complemento de que a escrita também tem que ser o lugar de cura dessa dor, através de chaves interpretativas como o cuérlombismo e de resistência enquanto devaneio. Como materializações dessas questões, trago alguns poemas de Mel Adún que rompem com as caracterizações fetichistas de sofrimento e passividade das vivências atravessadas pelo racismo e sexismo, apresentando um riso “padilhado”, conforme preconiza a própria Adún.

Palavras-chave: mel adún; riso; literatura de autoria negra brasileira; poesia.